



VIII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
4 a 5 de Dezembro de 2025
Paraíba, Nordeste, Brasil



A feitura do melado de cana-de-açúcar: memória, cultura e fotografia documental no Assentamento Campo Alegre (Queimados/RJ)¹

Aline R.F de Oliveira²

Jonathas de Almeida Santos Junior³

Leonardo Durval Guimarães⁴

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

RESUMO

O artigo é um relato de experiência que apresenta uma reflexão sobre o trabalho artesanal de produção do melado de cana-de-açúcar realizado por Eliana Guedes, mulher camponesa do Assentamento Campo Alegre (Queimados/RJ). A partir de observação participante e registros fotográficos, os autores analisam como essa prática expressa a cultura campesina, a resistência e o trabalho como princípio formativo. O estudo evidencia que o fazer artesanal, ao unir técnica, memória e afeto, subverte a lógica produtivista capitalista e se afirma como pedagogia viva, onde aprender e produzir se tornam atos de liberdade e preservação cultural.

Palavras-chave: agroecologia; mulher camponesa; educação do campo; resistência; biodiversidade; semente crioula.

INTRODUÇÃO

Este é um relato de experiência que apresenta uma reflexão a partir da observação e registro fotográfico da feitura artesanal do melado de cana-de-açúcar realizada pela camponesa Eliana Guedes (Foto 1), moradora do Assentamento Campo Alegre, em Queimados (Baixada Fluminense/RJ). A vivência foi compartilhada pelos autores durante o Tempo Comunidade da

¹ Trabalho apresentado no GT1 “Fotografia documental”.

² Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Licenciatura em Educação do Campo, da UFRRJ, e-mail: alinerodriguesf.o@ufrj.br

³ Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Licenciatura em Educação do Campo, da UFRRJ, e-mail: jonathas.asjr@ufrj.br

⁴ Orientador do trabalho. Professor do Departamento de Solos, Instituto de Agronomia, da UFRRJ, e-mail: leonardodurval@ufrj.br



VIII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
4 a 5 de Dezembro de 2025
Paraíba, Nordeste, Brasil



Licenciatura em Educação do Campo (UFRRJ), compondo uma leitura sobre o trabalho, a cultura e a resistência das famílias assentadas.

A atividade, realizada em 24/10/2025, consistiu em acompanhar o processo produtivo do melado, observando e registrando por meio da fotografia as expressões do trabalho e da sociabilidade que emergem dessa prática. O gesto de “fazer melado” simboliza a continuidade da cultura camponesa, construída na coletividade, na oralidade e na transmissão direta dos saberes.

Com base nessa experiência, o artigo busca compreender como o ato de produzir e registrar em fotografias o trabalho de Eliana se configura como narrativa documental, pedagógica e política, ressignificando a cana – símbolo histórico da exploração colonial – como signo de autonomia e pertencimento.

O ASSENTAMENTO CAMPO ALEGRE E A RESISTÊNCIA CAMPONESA

O Assentamento Campo Alegre, situado entre Queimados e Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense, é um dos marcos mais significativos da luta pela terra no Rio de Janeiro. Surgiu da ocupação de 1984, quando cerca de setecentas famílias, com apoio da Comissão Pastoral da Terra (CPT) e da Diocese de Nova Iguaçu, organizaram o Mutirão Campo Alegre, movimento coletivo de retomada do direito à terra no contexto de reabertura política pós-ditadura.

O assentamento conta com 7 regionais: Marapicu, Mato Grosso, Acampamento, Terra Nova, Chapadão, Capoeirão, e Fazendinha onde se situa a experiência relatada neste artigo, mantendo práticas agroecológicas, agricultura familiar e formas de organização comunitária voltadas à produção de alimentos e à preservação ambiental. Tornando-se, assim, um laboratório vivo de agroecologia e educação emancipatória, demonstrando que é possível viver e produzir com autonomia e dignidade no campo, mesmo dentro da metrópole fluminense.

OBSERVAÇÃO, REGISTRO E FEITURA DO MELADO DE CANA-DE-AÇÚCAR

O estudo foi desenvolvido a partir de uma abordagem etnográfico-



VIII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
4 a 5 de Dezembro de 2025
Paraíba, Nordeste, Brasil



documental, fundamentada na observação participante e na produção de registros fotográficos e narrativos durante a atividade. Ambos os autores também são moradores do próprio Assentamento Campo Alegre.

A experiência foi vivida em diálogo direto com Eliana Guedes, a metodologia, inspirada nas práticas de educação popular, valoriza o “trabalho como princípio formativo”, conceito que reconhece o fazer produtivo como espaço de aprendizagem integral onde o conhecimento nasce da experiência concreta.

Os registros fotográficos foram produzidos com uma câmera DSLR Canon EOS Rebel T5i, utilizando lentes de 50 mm e 55-250 mm. As imagens capturadas não passaram por nenhum tipo de pós-processamento, recorte ou tratamento de luz. Os arquivos são originais e preservam as condições reais do registro.

A EXPERIÊNCIA

Chegamos à casa da Eliana no lote da família dela, conquistado por seus pais nos anos iniciais da ocupação de Campo Alegre, sendo sua família uma das poucas que restam nesta regional que fizeram parte do momento inicial da ocupação. Eliana já estava preparando o melado, o fogo já estava aceso e o caldo de cana no tacho (Foto 2). Ela fala sobre o processo da produção, o ponto da colheita de cana, que deve ser diferente pra cada beneficiamento que for realizado, ela produz cachaça, melado, rapadura e açúcar. Com uma peneira de aço grande agita o caldo no tacho de cobre e recolhe uma espuma inicial que se forma (Foto 3). Eliana explica que tudo começa na plantação, a cana é colhida, lavada e levada a moenda para extrair o caldo, o caldo é peneirado e levado ao tacho, que precisa ser de cobre para manter uma temperatura ideal além de conservar cor e sabor, ele é agitado com a colher e uma nevoa branca doce sobe no local (Foto 4), não é uma fumaça que arde os olhos, é uma nevoa branca e suave, com cheiro doce.

Eliana fala sobre o trabalho dela fora do assentamento, onde trabalha de enfermeira no centro do RJ, é possível notar que ela faz ambos trabalhos com muita dedicação, porém a mesma revela que prefere o trabalho na terra, e que



VIII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
4 a 5 de Dezembro de 2025
Paraíba, Nordeste, Brasil



gostaria de poder se dedicar inteiramente. Interrompendo a conversa o tempo do melado nos chama, agora estava no momento em que o caldo estava engrossando e precisaria ser mexido constantemente, uma espuma cor de ouro subia na panela (Foto 5). A Eliana disse que era “o ouro da cana” e que esse “ouro” precisava subir 3 vezes indicando o ponto (Foto 6). O ponto é quando desce em fio (Foto 7 e 8). Pronto, agora é a última filtragem antes do envasamento (Foto 9). A produção do dia (Foto 10) rendeu 4 potes de 1 litro e 3 potes de 250 ml.

Através da vivência fica clara a injustiça de um sistema que obriga pessoas como Eliana a buscarem sustento fora do território, quando na verdade deveriam ser reconhecidas e apoiadas pelo Estado por manterem viva a produção de alimentos e a cultura camponesa. A experiência observada ultrapassa o aspecto técnico da produção. O trabalho de Eliana expressa um processo de ressignificação simbólica da cana-de-açúcar.

Historicamente, a cana esteve associada à exploração, ao trabalho escravizado e à concentração de renda durante o período colonial e na atual lógica do agronegócio. No entanto, no contexto do Assentamento Campo Alegre, ela adquire outro significado: torna-se símbolo de autonomia produtiva, transmissão de saberes familiares e resistência camponesa. O ato de produzir melado artesanalmente representa, portanto, uma forma de reapropriação da história e do território. A cana, que no passado simbolizou dominação, é transformada em fonte de sustento e de identidade cultural. Esse processo também evidencia o papel central das mulheres camponesas na preservação dos modos de vida e na continuidade das práticas produtivas tradicionais.

O ato de “fazer melado” vai além do alimento: é uma expressão de resistência, pertencimento e dignidade. Além de um trabalho bonito e cuidadoso traduz a luta pela permanência na terra, pela autonomia e pela continuidade da memória familiar e preservação da cultura camponesa.

CONCLUSÕES



VIII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
4 a 5 de Dezembro de 2025
Paraíba, Nordeste, Brasil



Uma das maiores fragilidades enfrentadas pelos assentamentos da reforma agrária são a ausência de políticas públicas consistentes de permanência na terra. Sem acesso a crédito adequado, infraestrutura e canais de comercialização, muitas famílias desistem e saem do assentamento, as que permanecem se veem obrigadas a buscar renda fora do território, o que fragmenta a vida comunitária e desestimula as novas gerações a permanecerem no campo. A materialidade mostra que não basta conquistar a terra, é preciso garantir condições dignas de permanecer nela. Políticas públicas voltadas à agroindustrialização comunitária, à compra institucional de alimentos (como o PAA e o PNAE), ao fortalecimento das feiras locais e à assistência técnica agroecológica são fundamentais para que o trabalho das famílias assentadas, em especial o das mulheres, seja valorizado e remunerado de forma justa.

Além disso, práticas como as registradas aqui demonstram que o conhecimento camponês é um patrimônio vivo, construído no cotidiano e sustentado, em grande medida, pelo trabalho das mulheres.

REFERÊNCIAS

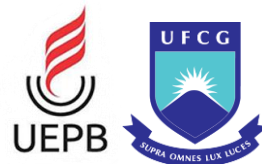
ANDRIOLI, Liria Ângela; BASSANESI, Danieli. Mulheres e sementes crioulas: trilhando os caminhos da agroecologia. **Cadernos de Agroecologia**, v. 16, n. 1, 12p., 2021.

NONATO, Lígia Maria de Oliveira. A luta pela terra na Baixada Fluminense na década de 1980: Um estudo de caso sobre o Mutirão Campo Alegre. 2020. 116 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Rio de Janeiro, 2020.

CALDART, Roseli Salete; PEREIRA, Isabel Brasil; ALENTEJANO, Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio (orgs.). Dicionário da Educação do Campo. Rio de Janeiro; São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio; Expressão Popular, 2012.



VIII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
4 a 5 de Dezembro de 2025
Paraíba, Nordeste, Brasil



Anexo 1: Fotografias das etapas de produção artesanal do melado de cana-de-açúcar no Assentamento Campo Alegre pela produtora Eliana Guedes.



Foto 1 Produtora Eliana Guedes e as canas-de-açúcar preparadas para moenda.



Foto 2 Caldo de cana no fogão a lenha e tacho de cobre.



Foto 3 Produtora Eliana Guedes removendo a primeira espuma



Foto 4 A fumaça doce



Foto 5 A subida do ouro



Foto 6 O "ouro"



Foto 7 O ponto

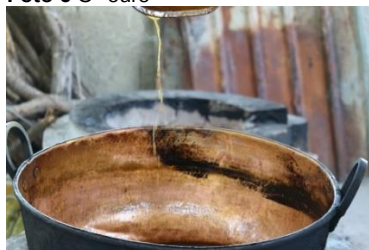


Foto 8 O fio do ponto



Foto 9 Última filtragem

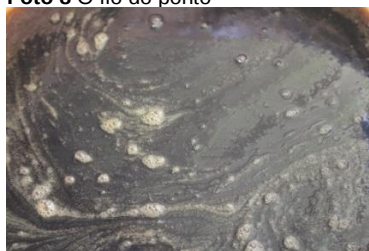


Foto 10 O melado artesanal de cana-de-açúcar da produtora Eliana Guedes